

M u r a l

A nossa e a deles

Por Silvia Oliveira (6º per.) e
Vitor Fraga (ex-estudante 92/94)



Só quadrinhos - Parte I

E ainda sobre o assunto da edição passada...

QUINO nasceu em 1932 em Mendoza, Argentina

E O TEU PAPA, LIBERDADE, EM QUEM PENSA VOTAR NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES?
 CALA-TE... ANDA COM UMA CARA, O INFELIZ!
 AH! AINDA NÃO SE DECIDIU POR NENHUM CANDIDATO?
 SIM, DECIDIU-SE E ANDA COM UMA CARA, O INFELIZ!
 PORQUÊ? PENSA QUE ESSE CANDIDATO VAI PERDER?
 NÃO, PENSA QUE VAI GANHAR. E ANDA COM UMA CARA, O INFELIZ!
 NÃO COMPREENDO O TEU PAPA, LIBERDADE: SABE EM QUEM VOTAR NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES, PENSA QUE ESSE CANDIDATO VAI GANHAR... E NÃO ESTÁ SÁTISSFETO?
 NÃO; ANDA COM UMA CARA O INFELIZ!
 MAS... PORQUÊ? TALVEZ SUPONHA QUE NÃO VÃO DEIXAR O CANDIDATO GOVERNAR?
 ÀS VEZES SUPÕE ISSO, E ENTÃO ANDA COM UMA CARA!...
 OUTRAS VEZES SUPÕE QUE SIM, QUE O VÃO DEIXAR GOVERNAR E TAMBÉM ANDA COM UMA CARA, O INFELIZ!
 MAS BOLAS! SE TANTO O INCOMODA ESSE CANDIDATO POR QUE RAIO NÃO SE LEMBROU DE VOTAR NUM DOS OUTROS?
 LEMBROU-SE, E ANDAVA COM UMA CARA, O INFELIZ!
 O 26 BONIFÁCIO ME GARANTIU QUE ISTO MATARIA QUALQUER OPOSICIONISTA!

KARMO, 31, é paulista

DOIS REIS
 pax doméstica
 Que cheiro bom!!
 Estou fritando a verdade.
 Posso ver?
 Não! Ela tá nua!
 Posso provar?
 Ela tá crua!
 WWW.KARMO.COM.BR

GRAUNA

Henfil

Henfil
 6
 QUE SEDE QUE EU TENHO...
 J-1446 Copyright: Ivan Coenza de Souza (henfil@globo.com)
 07.04
 ÁGUA!
 ALTO! ISTO É UMA CONTESTAÇÃO!
 BEM MELHOR! AGORA VOCÊ RECONHECE A LEGITIMIDADE DO SISTEMA E APRESENTA SUA CRÍTICA ORDEIRA E CONSTRUTIVA...
 ÁGUA!
 ÁGUA!

GRAUNA

Henfil

J-1447 Copyright: Ivan Coenza de Souza (henfil@globo.com)
 09.04
 ÁGUA!
 REVANCHISTA! SAUDOSISTA!
 ÁGUA!
 INCONFORMADO!
 ÁGUA!
 O 26 BONIFÁCIO ME GARANTIU QUE ISTO MATARIA QUALQUER OPOSICIONISTA!
 LÊNIN

HENFIL nasceu a 05 de fevereiro de 1944, em Ribeirão das Neves/MG

"Os capitalistas chamam 'liberdade' a dos ricos de enriquecer e a dos operários para morrer de fome. Os capitalistas chamam liberdade de imprensa a compra dela pelos ricos, servindo-se da riqueza para fabricar e falsificar a opinião pública"
 Lênin

Papel social da escola de samba

Leandro M. Silveira

Assim como a maioria das manifestações artísticas e culturais do país, a escola de samba sofre a influência negativa de estar atrelada a uma mídia que usufrui do espetáculo proporcionado por essas manifestações, esquecendo ou até desconhecendo que a instituição escola de samba é algo mais do que se apresenta em oitenta minutos de desfile na Marquês de Sapucaí.

Quem possui a curiosidade de procurar qualquer escola de samba durante o transcorrer dos meses, perceberá minimamente em cada uma delas a preocupação com questões mais amplas, perceberá que cada escola de samba possui uma inquietação, que em muitas é vista como dever, de ter uma participação efetiva dentro da sociedade, exercendo um papel social de atendimento às necessidades e carências da população à sua volta, preenchendo as lacunas deixadas por vários governos desde o limiar do surgimento do samba ainda no início do século XX.

Aos críticos do samba e da escola de samba deve ficar claro que o motivo pelo qual esta parece representar apenas a volúpia e a busca pela mídia-- representada por modelos siliconadas e atores da emissora que transmite o desfile -- tem origem na infame mercantilização dos desfiles, que se dá entre o final da década de 1970 e construção do sambódromo (1983/1984) e que hoje chega aos extremos. Mas para além do que a mídia deixa transparecer, a instituição escola de samba é palco não só da alegria efêmera, e sim do espaço de discussão sobre o passado histórico do país -- via enredos e sambas, espaço de crítica social -- através da ironia, do deboche e da concepção artística de alegorias e fantasias. E não se resume só a isso. Se assistirmos durante as décadas de 80 e 90 a mercantilização do carnaval, assistimos também o reforço de iniciativas interessantes no campo social promovidas pelas escolas de samba. Louvo o trabalho social proporcionado em conjunto com a iniciativa pública

pela Unidos da Viradouro, que desde 1991 atende a população que circunda sua área de atuação.

Para além de fornecer ajuda aos necessitados, a escola de samba proporciona à sua comunidade a oportunidade de atingir o mercado de trabalho e crescer social e profissionalmente através de cursos, por exemplo. Assim como a Viradouro, Porto da Pedra, Beija Flor de Nilópolis, Acadêmicos do Grande Rio, Acadêmicos de Cubango, Tradição, Império Serrano, entre outras, igualmente transformam-se durante o ano em espaço de atuação social sério e preocupado com o bem estar, qualidade de vida e saúde da sociedade.

Aos que não acreditam na importância da escola de samba e do samba, ou mesmo para aqueles que desconhecem o papel social de tais instituições é sempre válida a iniciativa de ir conhecê-las. Com certeza serão bem recebidos e se encantarão com a organização interna e com a preocupação dos principais responsáveis no sentido de alcançar seu objetivo, que para além do resultado de "quarta-feira de cinzas", ultrapassa e se expande ao longo do ano na busca pela melhoria da condição social do outro, não apenas no sentido paliativo, mas "definitivo".

Para fechar, me permito relembrar a fala de um grande radialista carioca, falecido em 2003, Arlênio Lívio, que sempre bradou que se os nossos governantes espelhassem sua organização governamental na organização de uma escola de samba, o Brasil deixaria de ser o país do futuro para ser o país do presente, mais organizado e preocupado com todos os setores de nossa sociedade. Axé Ciata.

Acredito que o nosso saudoso radialista tinha razão. Viva nossas escolas de samba, viva seu papel social louvável! E esperemos todos que esse papel seja fomentado e reforçado pelas futuras gerações e não seja atingido negativamente pela mídia infame. "chega de ser o país do futuro! Que seja do presente!"

O Samba da Atualidade

Numa entrevista cedida por Hélio Turco (maior campeão de sambas-enredo) ao Globo (23/10/2005), uma afirmação do sambista é sublinhada: "o nome não é escola de samba? Pois, do jeito que as coisas vão, é melhor mudar pra escola de pula-pula!". E depois: "Eles [os artistas] inventaram que a escola tem que voar. Tem de ser rápida. E que o samba também tem de ser rápido. Isso é ignorância", e ainda: "A idéia é cantar um samba melodioso que vai crescendo, um samba bem dividido, redondo. Por que um trecho de melodia pequeno e uma letra desse tamanho? Um trecho com 10 notas musicais pede 10 sílabas. Hoje tem 13, 14. é o que eles fazem. Quebra-se a linha melódica, não se tem segmento melódico, o samba não tem alma.". Isto se dá por causa de um processo de globalização das escolas de samba, onde vemos cada vez mais piroetas e menos arte.

O artigo explica que antigamente havia concurso pra ingressar na Ala dos Compositores. O candidato tinha que apresentar três sambas de sua autoria a serem avaliados por um ou mais examinadores (Cartola chegou a ser um deles). Hoje nada disso acontece. As alas abrem-se, a melodia se perde, o ritmo é acelerado. A música popular já não tem base nem vanguarda. No entanto, não devemos achar que há por detrás disso apenas um interesse mercadológico. Não, o problema é amplo e arraigado num inconsciente coletivo. A melodia está associada a uma certa subjetividade, a um enredo, uma narrativa linear centrada numa personagem. O ritmo é o que há de coletivo na música, é o que a caracteriza, a nacionaliza, é o seu tempo. Se vivermos num mundo acelerado onde a idéia de indivíduo romântica se perde, a música será também acelerada e sua melodia, difusa.

Hermínio Bello de Carvalho (letrista, produtor, cronista, historiador...) diz numa entrevista cedida à revista Palavra (11/03/2000) que tem "um depoimento do Cartola gravado em 62, 63 em que ele fala da sua desilusão com as escolas de samba, com a estrutura da bateria, fala da deturpação... uma denúncia sobre as transformações das escolas de samba...". Donga, por sua vez, autor do primeiro samba gravado (Pelo telefone, 1917), dizia que "ritmo quer

dizer bateria, partitura de bateria". Em entrevista realizada no Museu da Imagem e do Som (02/04/1969) fala que o problema consiste em não escrevermos nossos ritmos, em não registrá-los. Estaríamos presos em resquícios de uma antiga cultura oral que não registra sua história. "O certo é nunca perturbar o ritmo. As características próprias não devem ser feridas. Isto é um crime. [...] Todo mundo se intromete e dá opinião sem saber". Ambos os músicos se referem ao mesmo fenômeno de perda da tradição, de esquecimento inerente a uma cultura não letrada. Até hoje não sabemos dizer ao certo o que é um partido alto. Existem várias interpretações e acabamos por dar uma de antropólogos para saber.

"Eu defendo uma tese de que a cultura deve ser tratada como assunto ecológico"

Hermínio Bello de Carvalho

No entanto, devo ressaltar, nem Donga nem Hermínio podem ser considerados tradicionalistas. Só para dar um exemplo, Donga defendia Roberto Carlos e Chico Buarque ao mesmo tempo, numa época em que havia uma rixa entre os da guitarra e os do violão. O que os dois entrevistados fazem é apontar para a preservação de nossa história, não para a estagnação da mesma. Neste sentido Hermínio é, até certo ponto, otimista, pois vê uma certa "salvação" na nova cultura letrada que estaria fazendo música popular de qualidade e registrando-a. "Quando eu vejo uma nova geração, esses meninos, com 23, 24 anos, todos lendo música, vejo que é uma geração de boa opinião, que briga a favor dessa qualidade a que estou me referindo... todos músicos excelentes, fazendo um trabalho de uma modernidade absoluta... brasileiríssima...". Com certeza Hermínio está se referindo aí a músicos como Yamandú Costa e Daniel Marques, músicos brancos de classe média, modernos que buscam caminhar por sobre uma base de música popular. Estaria o samba nas mãos de uma elite artística branca?

Vemos que a música popular vive um momento frágil e único em sua história. Cada vez mais valorizada pela classe-média (como vemos acontecer no Rio de Janeiro e em Recife: uma recente volta do frevo, do forró, do chorinho e das rodas de samba), está sumindo das favelas, de suas bases populares. Paralela a isto há uma tentativa de resistência por parte de certos músicos populares e regionalistas. Este texto deixa evidente o processo acelerado de ocidentalização e deculturação a que se refere Serge Gruzinski em "A colonização do imaginário". O primeiro conceito denota um processo onde tudo tende a se igualar: a "redefinição do imaginário, dos meios de expressão e de transmissão do saber" a partir de um sistema imposto pelo padrão dominante (no caso, um padrão musical acelerado com linhas melódicas indefinidas). Já a deculturação, quer dizer "cultura da marginalidade e da alienação", do esquecimento, enfim, em que vivem muitas dentre as pessoas que seriam justamente aquelas que resguardariam a tradição popular do samba.

Devo acrescentar que nenhum dos três entrevistados dão algum valor ao esquecimento. Pois, a meu ver, se a nossa identidade nacional depende de uma memória coletiva-- como diz Hermínio Bello: "A forma de cantar, de comer, de vestir, de falar, os ritmos que identificam cada região... é isso que dá ao país o sentido de nação, de nacionalidade..."--, por outro lado, as lacunas deixadas pelo esquecimento, assim como pela ocidentalização, este "furo na rede" tão caro a Gruzinski, dão vazão a novas possibilidades de criação. E são justamente estas criações totalmente novas que nos entregam, a nós latino-americanos, uma identidade não mais nacional, e sim forjada entre os dominados, uma identidade terceiro-mundista. Portanto, se a ala está aberta, se a música que ouvimos é de má qualidade, o negócio é transformar, aproveitar a fraqueza da linha melódica pra revidar com uma antropofagia de qualidade.

Lucas Gadelha Parente, 6º p.

Textos inéditos de ficção!

O historiador não escreve apenas conceito, mas também cria imagens como o poeta.
O tema dessa vez é o ofício do historiador. Só que, a partir de agora, também teremos poesias livres que antes não botavam a cara devido ao tema.
Mande também sua loucura!

Ortodontia

um dente só não se deforma
uma dentada, o aparelho mexe

=====

como cabeça de eunuco
estranhos crânios

asfixiados pelo aço
num desenho piramidal

=====

noite portaria todo dia
mete a foice, torna curvo
endoidece qualquer um:

=====

não pode deitar
não pode sair

=====

o prisioneiro inocente
da fôrma que deforma

=====

linda dentada amarrada
todos nós num grande nó

=====

no vai-e-vem do dia-a-dia
enlouquecidos tateamos

=====

sonambulizando

=====

em convulsão teleguiada
pegadas pregadas: pequenos pés

=====

aberração da ordem

=====

micro-patas orientais
fôrma e forma são um só

=====

o homem é pai do objeto
e é dele bicho criado

=====

um dente só não se deforma
uma dentada, o aparelho mexe

=====

Lucas Parente, 6° p.

O historiador

Veio para ressuscitar o tempo
e escarpelar os mortos,
as condecorações, as liturgias, as espadas,
o espectro das fazendas submergidas,
o muro de pedra entre membros da família,
o ardido queixume das solteironas,
os negócios de trapaça, as ilusões jamais confirmadas
nem desfeitas. Veio para contar
o que não faz jus a ser glorificado
e se deposita, grânulo
no poço vazio da memória
É importuno,
sabe-se importuno e insiste,
rancoroso, fiel.

Carlos Drummond de Andrade, 509° p.

Em Prova.

"Onde estavas lugar?"
Arnaldo Antunes

Sujeita está a parede, colocada para apertar lugares.
Ser sujeito é apertar meus lugares.

Então me prova
Como se faz sujeito que ama
Sujeito-passarinho
Sujeito-tomando sol
Sujeito todo provedor.

E ao me apertar (em sujeitando)
ensina
a estar em lugares cheios de mundo.

Ludmila Gama, 4° p.



A sutura do poeta

tô com uma idiosincrasia hoje
percebo que nem a pirlimpisquice do coltrane
nem ela burla a lei da testa única

o canto da estrutura metálica
o canto lamurioso da estrutura metálica
da estrutura tocada pelo vento
o canto inútil daquela que se quer vento
o canto remetido ao vento

a fumaça do rabinho do carro sai incolor
tenta se disfarçar pra parecer com o ar

a general eletric mentiu pra mim
a general eletric grafou engano na lâmpada
na lâmpada de luz fria
tava escrito que é luz do dia

a lâmpada, se descobrindo enganada
a lâmpada, coitada, agoniza na tremedeira

a água sai fria, mas esquenta devagarinho
o box se torna algo como útero materno

surpreendo a dose de esquizofrenia que carregamos
a dose variável que carregamos no ventre

o projetor que nos lança na tragédia
a luz que sai do projetor trágico
a fumaça delimita a luz do projetor
a fumaça difusa delimita o foco certo

o despertador permanece carcereiro
o despertador é carcereiro do círculo causal

a sutura do poeta em cirurgia
a sutururgia do poeta produz cicatriz brilhosa
produz pele nova que se quer vida
que se quer brilho

que gente é pra brilhar

Fernando Rodrigues, 5° p. (Letras-UFRJ)

A Micro Capital Intelectual

Era uma vez um viajante, que em suas andanças já ouvira mais de dez mil contos. Imbuído de um vasto leque de personagens, cenários e monumentos, dedicou-se a criar sua própria estória enquanto se dirigia a Pax, a Capital Cultural do seu mundo.

Apesar de viajado, o homem não pôde conter sua admiração pela resplandecente aura que a cidade projetava. Logo em seus primeiros passos pode ver o porquê de tanta limpeza: cantando com contagiante alegria, uma dezena de homens catavam o pouco lixo que a cidade produzia, e mesmo este era setorizado.

Boquiaberto, procurou saber mais da vida daqueles que ali viviam. Depois de ouvir os lixeiros, procurou os carteiros, os artesãos, os músicos, os burocratas e, por último, um oleiro. Recolheu tudo o que pôde daqueles homens e jurou para si mesmo que não deixaria uma vírgula que fosse escapar ao seu projeto de estória.

Com alguns dias de estadia, declarou em praças públicas e a plenos pulmões que havia uma História a ser contada, e fez questão de a divulgar desta forma nos cartazes.

Deixou sua estadia no momento marcado; muitas pessoas vieram para escutá-lo. Muitas. Muito mais do que ele vira antes, e até começou a se lamentar por não ter ouvido aquelas outras pessoas que, provavelmente por timidez ou modéstia, não saíam às praças e que não o procuraram para lhe contar seus causos. Mas o show tinha de começar.

Mas ele não sabia por onde começar. O que preparara era muito extenso e cheio de detalhes. E ele odiava perder os detalhes. Começou então pela descrição do local: uma estrada mágica, que possuía lindas flores em suas laterais. Como o contador viu que o conjunto de ouvintes o observava vidrado, pedindo pelas suas expressões que ele continuasse a falar, ele prosseguiu detalhando a flor: pétala por pétala, se alongando sobre cada pedacinho dela, minimizando cada vez mais a sua escala e exponenciando a duração de sua fala.

Os olhos continuavam a lhe pedir mais e mais, não havia qualquer movimentação na cidade; durante a estória, foi como se o tempo parasse.

A retórica tanto se aproximava da hipnose que aqueles que o escutavam não deram a menor atenção ao mensageiro de cartola que chegava da cidade que muitos consideravam gêmea de Pax: em Amor houvera uma rebelião de escravos e este regime fora abolido por conta da revolta, instaurando-se um regime em que se serve e se é servido ao mesmo tempo.

No entanto, a estrutura de Pax não permitia que ela fosse atingida por esses pormenores, ainda mais com a narração de tão melodiosa voz. Todos ficaram e ouviram até a exaustão, quando resolveram aplaudir entusiasticamente aquela performance, e, de tão fracos, acabaram por apenas se aproximar dos já adormecidos bois e cerrar seus olhos, sabendo tudo sobre uma ínfima parte de um pequeno filigrana.

Renato Rodrigues da Silva, 5° p.



Ofício historiador

Fiz meu projeto
mas tenho de enquadrá-lo numa categoria,
exceto a minha
Tem que ter retórica de antemão,
notas de rodapé e tabulação
A tese tem de ser boa e trazer inovação.
Escolho o objeto de estudo,
por gosto ou indicação,
e delimito o espaço e o tempo de sua atuação.
Discorro linhas e linhas atrás de aceitação...

Faça um quadro teórico!
Use esse tal autor!
aconselhava o orientador
Construo infinitas páginas
e delas corto 100

Recrio as passagens que gosto
trocando-as pelas de alguém
Mas não a de qualquer José
nem de qualquer João
o moço tem que ter renome e reputação

Pois me ponho a conjugar
a priori, grosso modo, doravante...
Faça um breve comentário adiante!
Não esqueça das hipóteses!
Ah, como são importantes...

E o balanço historiográfico,
esse sim é excitante!
E os dias correm
e com eles minhas horas de imaginação e nostalgia
A essa altura não lembro mais o que inicialmente pretendia

Em salas de arquivo, entre traças e fungos
Nas bibliotecas e telas de computador
perdi a liberdade que o academicismo enclausurou
Não produzo, reproduzo
para assim valer atenção
E então termino meu projeto
Que triste alegria!
Construí o que é correto
e larguei de mão o que queria.

Daniele Lima, 6° p.



História com Música

Á!, música, essa tão adorada parte da vida -- ó pedaço de nós, metade adorada de nós! Contigo, música, dividimos nossos caminhos nessa vida, compomos conjuntamente os passos por que passamos pelos tortuosos caminhos da existência, cada vez mais complexos desde que se fez a luz e desde que se fez o som, desde que nasceu a vida, desde que o SER se viu, há tanto atrás. E nessa consequência da visão de SER, na compreensão dos caminhos tomados, no estudo das histórias -- na própria consciência de ser -- tu, ó música, ainda elevas as secas assertivas costumeiras da filosofia aos campos da visão artística, atravessando as fronteiras da compreensão. Há músicas de texturas tão bem delineadas, ou tão extravagantes, que são como representações do próprio movimento da história; suas harmonias marcadas vão diminuindo ao passo que harmonias mais fluidas nascem dos panos de fundo para, ao substituir as anteriores, decadentes, assumirem o advento de um novo movimento -- soam como nossas transições histórica, rupturas ou elevações. Ora, e existe melhor noção de evolução do que a desfilada pelo samba?, que deixa a retidão para as avenidas, que corre o risco de ser atravessada, mas que ainda ruma feliz da vida e têm sua apoteose por fim?

Mesmo na poesia, já há muito que artistas elaboraram seus temas em melodias e harmonias, e verdadeiras sagas ganharam as dimensões musicais e se abriram para novas interpretações do que se expressava -- por vezes, houve trilhas sonoras que superaram as próprias imagens que deveriam simplesmente completar, como óperas e filmes recordados de ouvido. A música pura também ganhou seu relevo próprio; as composições na linguagem universal discorrem suas próprias sagas sem palavras, sem ter que enfrentar os degraus oriundos da Babel dos homens e de suas línguas. São vivas novas histórias, contadas em melodia, provocando interpretações nas mentes dos homens, relacionando-se com momentos da vida como se os narrasse em memória do passado. A música se fez referência para muitos homens e civilizações, podia responder-lhes questões sem perguntas, inspirar sentidos e mesmo compreensões.

Mas não sou pretensioso (não tanto) para tentar

abarcar o tema da música na história; desse mundo conheço infinitesimos. Me volto a minha experiência própria, vivida com amigos nos tempos atuais, nesta metrópole e em alguns lugares mais, a experiência que motivou tão pretensiosas palavras.

Vivemos em tempos e lugares agraciados por uma verdadeira vastidão musical, acúmulo dos processos de interferência cultural que se deram e desenvolvimento tecnológico; a presença da música se faz mais intensa, constante e mesmo portátil. Nunca antes de poucas décadas atrás se pôde carregar consigo as apresentações de singulares mestres, nem de imensas orquestras, numa caminhada por aí, em fones de ouvido ou estéreos escandalosos.

Grande parte das últimas gerações compartilha suas vidas cada vez mais com a música, não raro se identificam com (e pela) música, cantam suas aspirações como se assim as realizassem, como se expressassem seu próprio ser. Momentos marcantes e consequentes são acompanhados por lamentos ou exaltações, crises ou sucessos brilham sob a aura duma singela melodia, e tornam-na uma singular referência para a futura memória, talvez simplesmente por ser contemporânea aos fatos vividos, ou talvez por ser parte ativa dos acontecimentos. Mas, referência, esta melodia irreversivelmente seguirá como a marca de um tempo que se passou, ao qual se poderá retornar pelo canto da melodia. Pois quando marcada na memória, terá sua forma "deturpada", significando algo próprio do ouvinte, não do criador, e quando revisitada, a melodia ainda estará "deturpada", e se sentirá o sentido nosso tempo passado e recordado.

É como se estabelecemos relações de paixão quando a música nos toca, e de amor quando tocamos ou compomos. De fato, eu estava apaixonado pelo reggae e pelas orações de suas estrelas jamaicanas e brasileiras quando 'saí da casinha' para o mundo, quando lógicas primitivas de existência podiam ser reveladas, ainda em poucas palavras é verdade, mas o *feeling* estava lá! Fariamos a revolução!, e eu não estava errado, demos os primeiros passos no caminho que chegaria por fim a encontrar a uma verdadeira morada, numa manhã reluzente, quando teria sido realizado o trabalho que precisava ser feito. Mas também apaixonado eu estava quando da conclusão deste primeiro caminho, em meio ao Fórum Social

Mundial e sua cidade de cabanas caóticas, lendo e me sentindo um hobbit no Dark side of the moon, vivendo num mundo não muito mais fantasioso do que aquele dos que estavam a minha volta. E o caminho ganhava novos rumos, não contraditórios aos anteriores, mas diferentes.

Pois as paixões se acumulam, algumas podem até ser simultâneas, como as dimensões da própria existência humana. E houve outras tantas paixões musicais, falando do amor e das amizades de então, e muitos sambistas lhes são referência -- pois quem me vê sorrindo pensa que estou alegre, mas não tive a mocidade perdida. Pois desde que comecei a enfrentar a Ciência, esta safada, a Marisa deu belos montes para contemplação, e agora, na empreitada da história, a Nunes clarificou meus horizontes -- pois será que ninguém ouviu um soluçar de dor no canto do Brasil?!! Ó Música, eu nunca vi coisa mais bela, quando ela pisa a passarela e vai entrando na avenida!

E, muito mais do que uma coadjuvante trilha sonora, a música constrói e é construída pelas pessoas e grupos, carrega tons e sentimentos, significados, dúvidas ou certezas, sendo parte inseparável destes que se tornam verdadeiros 'interagentes' musicais. A bem da verdade, cada um poderia fazer um retrospecto de sua vida pelos períodos musicais por que passou, destacando-se as melodias e harmonias referenciais que foram lembradas pelo sentimento vivo de então. E, quando lembradas, revelarão, não o significado imediato de uma canção, mas o que ela representava, aquele gosto, aquela paixão. E nada é mais histórico do que reconhecer que não o representa mais, não com a mesma força de quando vivo o momento, e acompanhar o traçado desta evolução de paixões -- ilusões ou realizações -- costurando os lances desse jogo com a existência; cada um se conheceria melhor a partir de si, a partir do som. Afinal, eu canto, logo, existo. Mais do que existo, eu crio, dando graças a SER, à música, esse nosso *leitotiv* de cada dia.

Lucas Von der Weid, 6º p.

As eleições e o liberalismo

Os cenários foram todos bastante parecidos. Uma mesa, alguns senhores em torno dela, eventuais senhoras, eventuais alfabetizados; alguma estética precária a justificar a simplicidade da mesa, das cores, dos gráficos tentativas de transformar a obscuridade e a falta de apelo em minimalismo e sobriedade. Gritos aqui e ali, com variações razoáveis nas diferentes mesas; mortes anunciadas, ressurreições comentadas com espanto; atores mesmos do drama que ali apresentava seu último ato fingindo, bastante pateticamente que conseguem se comportar como meros espectadores, quer com a afetação dos camarotes, quer com a fúria das galerias. Sob o pretexto da análise imparcial, os atores foram chamados a chorar as perdas, celebrar as vitórias e tripudiar dos adversários apenas para que fechassem o espetáculo da forma mais canhestra possível, com a negação de derrotas óbvias e a construção de vitórias só apoiadas nesses entes sempre tão respeitáveis quanto farsescos, os então aviltadíssimos números, servos de todos os senhores. No dia 29 de outubro de 2006, mais uma eleição terminava no Brasil a depender meramente dos seus personagens principais, mais uma eleição sem vitoriosos ou derrotados; e a depender dos organizadores das mesas de debates pós-eleitorais, vitoriosos e derrotados por todos os lados. Os primeiros em busca da nossa tão tradicional conciliação a conciliação que facilita a corrupção, a conciliação que fragiliza o que resta das ideologias, a conciliação que transforma interesses específicos em nacionais, os últimos em busca da análise diferente, do dado ignorado pela mesa concorrente, da declaração bombástica que decretará a morte dessa ou daquela elite ancestral desde que essa elite goze de desprestígio suficiente para que a declaração não reverta como verdade para o seu próprio autor, de forma figurada ou literal. Como elemento comum, o desejo de não gerar a controvérsia: identificar claramente quais seriam as forças progressistas, não atacá-las e, se possível, acenar com uma conciliação futura a redimir picuinhas menores do presente; não ficar mal com os que saem, com os que entram, e menos ainda com os que continuam; postar-se da forma mais olímpica possível, travestindo de ciência desejos e juízos de valor. Com isso, ignora-se o óbvio: ignora-se quem de fato venceu e quem de fato perdeu em prol das análises menos ideológicas, menos desfavoráveis a futuros alinhamentos, menos perigosas possíveis. Felizmente não sou jornalista nem político, ao menos não no sentido que me impeliaria ao comportamento chapabrancas descrito; e é por isso e pela esperança pouca que tenho ainda no país, em vocês, em mim mesmo que me sinto obrigado a dizer o óbvio infelizmente nada ululante: o grande derrotado dessas eleições foi o liberalismo. Você, eleitor de Lula ou não, pode concordar com a sombria fala do Ministro Luiz Dulci: "Foi a vitória de todos que acalentam o sonho do socialismo". Você, leitor de Hayek ou não, pode ter a certeza de que O Caminho da Servidão continua sendo pavimentado com tijolos de ouro na terra de Macunaíma.

Por partes, do nacional para o local. A eleição presidencial foi o centro de nossas atenções por motivos maiores que o óbvio, como a preponderância natural do Poder Executivo diante de Poderes rivais preferencialmente mensuráveis por padrões os mais estritamente mercadológicos que pela ideologia e valores de seus membros; interessou-nos especialmente também por ser o momento por definição no qual os eleitores rejeitaram ou não a experiência petista de governo, os 4 anos do presidente operário, do partido da ética, dos trabalhadores; nos interessou por ser bem diferente das eleições presidenciais últimas, nas quais dificilmente alguém, na ocasião ou hoje, em retrospecto, não veria um desejo genuíno nem por isso correto de mudança na população, de esperança, mesmo de sonho e de delírio; pela campanha eleitoral ter trazido à baila a questão dos valores, tão caros a processos políticos de outras nações e tão pouco discutidos em país no qual a moral parece ainda profundamente influenciada pelo privado, pelas circunstâncias do particular, do agente, e tão distante da definição transcendente que lhe deveria ser característica. Por tudo isso, eu e tantos outros vimos as eleições presidenciais com apreensão; e foi com apreensão que vi meu candidato viável no qual votei no segundo turno, mas rejeitei no primeiro ser derrotado exatamente através de golpes desferidos na filosofia política que inequivocamente defendo, o liberalismo. Pois é: para além de outros fatores de menor mas inequívoca importância o que fez Geraldo Alckmin ter no segundo turno um número de votos significativamente menor do que no primeiro foi um repúdio da população brasileira ao liberalismo.

Isso não por ser Geraldo liberal, como dirá a vocês a esquerda que tantas vezes já deu mostras de desconhecer profundamente o liberalismo que tanto ataca; não pela população brasileira ter algum conhecimento do que vem a ser liberalismo e mostrar repúdio a filosofia já exaustivamente estudada e ponto por ponto refutada nos lares do nosso Brasil; o que a população fez no segundo turno foi votar não às

uma análise de conjuntura

privatizações. E não àquelas já realizadas, das quais a maioria já se esqueceu e nunca compreendeu devidamente, mas sim àquelas ressurgidas na fantasmagoria petista, nos comérciais sinistros, soturnos, com mãos (estrangeiras?) retirando fábricas do mapa do Brasil; àquelas inexistentes no primeiro turno da campanha, inexistentes no programa de Geraldo, surgidas nos programas de televisão após a percepção óbvia e certa do marqueteiro petista de que o PT é melhor como discurso do que como prática; de que como discurso o PT conseguiu, durante oito anos de Fernando Henrique Cardoso outro que nada teve ou tem de liberal satanizar as privatizações em um cenário no qual o discurso contrário se prendia, quando muito, a tecnicismos e outras verdades cruas demais para uma massa apaixonada de funcionários públicos de fato ou em potencial como é a brasileira; da certeza de que o PSDB nunca se preocupou em produzir discurso contrário, nunca se preocupou em produzir uma militância que fosse capaz de defender as privatizações em parte pelo caráter elitista do partido, em parte pelo simples e óbvio fato de que o partido aderiu às privatizações de forma conjuntural, não ideológica.

Passaram-se anos incluindo aqui os anos de Lula-lá e Fernando Henrique insistia em defender as privatizações apenas como necessidades diante da incapacidade do Estado continuar investindo nas empresas vendidas, em tom de explícito lamento. Não foi outra coisa que fez Alckmin durante a campanha; quando começaram os ataques, se pôs a negar em absoluto futuras privatizações, vestiu com sua patética habitual uniformes de estatais, percebeu a rejeição das privatizações diante da população, o sucesso do discurso petista nesse aspecto, e preferiu jogar no campo do adversário tornando-se então apenas um duvidoso genérico (afinal, seu partido privatizou mesmo) diante de um genuíno estatista; tentou combater Getúlio sem querer tornar-se um Lacerda e perdeu feio. Fugiu da guerra de valores e ideologias muito por não tê-los, em parte por covardia e perdeu feio. Fugiu do liberalismo e o homem e a doutrina perderam feio.

Passo, então, a analisar as eleições para deputados federal e estadual no estado do Rio de Janeiro, a fim de cumprir minha promessa de ir do nacional ao local. É sabido e comentado pelos políticos fluminenses que há dois tipos de votos no nosso Estado um, majoritário, é voto ligado ao político local, identificado com determinada região na qual estabelece a sua clientela política, beneficiada diretamente, através de empréstimos, materiais para obras, cadeiras de rodas etc; indiretamente, através de Centros Sociais, substituição da saúde pública, republicana, pela política, personalista; e não raras vezes antiéticas e/ou ilegais, com empregos públicos e relações com todo tipo de atividade criminosas. O outro é o voto ideológico, minoritário, concentrado na região metropolitana, algumas áreas mais ricas do interior região serrana, por exemplo e em parte da pequena classe média-alta de regiões mais pobres. O que me interessa aqui é o voto ideológico, exemplo que é da fragilidade do liberalismo também no estado do Rio de Janeiro: o candidato Marcelo Freixo, do PSOL, notório e explícito socialista, foi eleito deputado estadual com quase 115.000 votos na legenda do partido, enquanto o candidato mesmo obteve 13.547 votos; o candidato Chico Alencar, mesmo partido, também autodeclarado socialista, foi eleito deputado federal com 119.069 votos; por outro lado, foram eleitos para o cargo de deputado federal o ex-Secretário de Segurança Marcelo Itagiba e o militar Jair Bolsonaro; para deputado estadual, o apresentador Wagner Montes, o Coronel da PM Jairo e Flávio Bolsonaro, filho do já citado Jair.

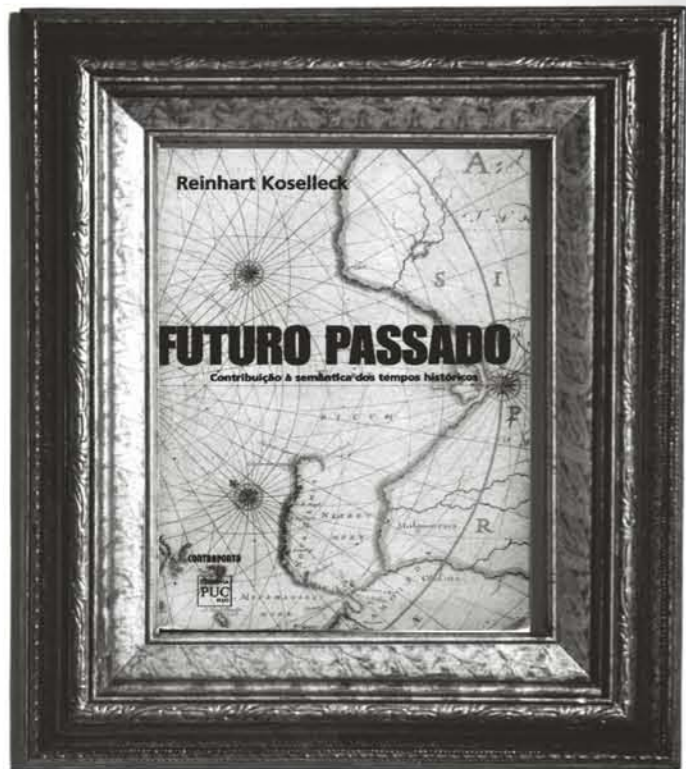
O que temos aqui? Ignorando possíveis relações mais claras de clientela, de tom mais assistencial pelo menos possíveis nos casos de Freixo, ligado às comunidades carentes, e dos Bolsonaro, esses últimos explicitamente corporativistas nós temos dois tipos de votos ideológicos: um voto ideológico em uma esquerda socialista, que pode ser também um voto na "moralidade", principalmente no caso do Chico; e um voto que se diria em uma "direita", um voto de força, em pessoas que defendem a polícia e pregam combate duro à criminalidade, sendo vistas comumente como "reacionárias" pelos eleitores ideológicos da esquerda. Ora, o que está faltando aí? O voto ideológico liberal. O único candidato assumidamente liberal dessas eleições legislativas no Rio e o fato de ser único já dá uma medida do fracasso dessa doutrina foi o senhor Gilberto Ramos, meu candidato a deputado estadual, membro do Instituto Liberal do Rio de Janeiro. Quantos votos teve o Gilberto? 8.976, ocupando a modesta posição de número 192 para deputado estadual. Ou seja: nós temos votos suficientes para eleger a esquerda socialista e a "direita" corporativista, nacionalista e autoritária; mas não temos votos para eleger o único candidato que se apresenta como liberal em um estado do tamanho do Rio de Janeiro. E isso num país eles querem convencer você disso, não duvide "profundamente neoliberal". Quem dera, amigos. Quem dera.

Felipe Svaluto Paúl, 6º p

escreve também para o blog Warfare State:
www.warfarestate.blogspot.com



E agora, pra finalizar, uma resenha enquadrando a historiografia.



Nascido em 1923, Reinhart Koselleck tem publicado no Brasil obra de brilhantismo inquestionável, traduzida pelo título de "Crítica e Crise". Tendo falecido neste ano, em fevereiro, com 82 anos; nos herdou ainda "um monumental" (pelo menos é o que dizem os afortunados que tiveram a oportunidade de lê-lo) dicionário histórico dos conceitos político-sociais fundamentais de nove volumes, do qual foi co-autor. Confessamos desconhecer o conteúdo preciso da obra, ainda não traduzida para o português, restringida a língua natal de Koselleck, historiador nascido em Górlitz, na Alemanha; professor nas universidades de Heidelberg, Bielefeld e Bochum.

O lançamento somente em 2006 da obra de Reinhart Koselleck, editada primeiramente em alemão e na data de 1979, traz de novo somente a lembrança que o mercado editorial brasileiro é deveras incompetente, atrasado e relaxado com ótimas produções que esperam demais para chegar à colônia. Porquanto todo o resto já era de se esperar. Conhecendo "Crítica e Crise", aguardamos não menos que uma ótima análise historiográfica, inteligente e pouco descolada de filosofia profunda, que contraria apressadas conclusões quanto ao sucesso dos tradutores. De fato, Koselleck esbanja erudição e rebusque, teórica elaborada e disposição para levantar questões que desafiam para leituras atentas; por vezes releituras. Não se iludam se uma obra leve era a esperança.

O livro, composto por ensaios publicados ao longo de sua carreira, tenta construir, mediante análise histórica, o momento que os indivíduos introduziram o conceito de progresso, e de que forma a divisão entre passado, presente e futuro foi sendo conduzida pelos homens no tempo. O que seria o passado, presente e futuro, ao contrário do que ainda podemos imaginar, não é uma revelação; faz parte de um processo histórico, portanto, construído por seres humanos, e como não haveria deixar de ser, numa lógica dialética. Os meios de provar sua tese é que são interessantes.

"Chegamos ao fim. Devemos nos precaver de condenar sumariamente a moderna expressão "fazer história". Os homens são responsáveis pelas histórias em que estão envolvidos, não importando se têm ou não têm culpa nas conseqüências de suas ações. É a incomensurabilidade entre a intenção e o resultado que os homens têm que assumir, e isto confere um sentido enigmáticamente verdadeiro à expressão 'fazer história'." pág. 245

* * *
"Encontramo-nos, portanto, diante de um impasse. Todo conhecimento histórico é condicionado pelo ponto de vista e, por isso, relativo. Mas a partir dessa constatação, a história se deixa apropriar de maneira crítica, por meio de um ato de compreensão, o que conduz à formulação de declarações verdadeiras sobre ela.

Formulando de modo mais agudo: parcialidade e objetividade excluem-se mutuamente, mas remetem uma a outra ao longo do desenvolvimento da tarefa histórica." pág 163

* * *

O encadeamento dos ensaios, numa seqüência que torna cognoscível a viagem que Koselleck nos convida a fazer, passa por diferentes análises, dentre as quais são evocadas a história sob uma perspectiva magistra vitae (mestra da vida), e a conseqüente impossibilidade de um progresso. Afinal, aprender do passado os ensinamentos para, no presente, moldar a realidade na construção de um futuro provável, definitivamente não compõe um quadro de alterações, na verdade, reformar ou ajeitar o futuro são palavras muito mais adequadas que revolução propriamente dita (no sentido de mudança das estruturas históricas); termo este que Koselleck trabalhará minuciosamente em outros momentos. O conhecimento histórico projetado na construção do futuro desejado, certamente passa por um plano alocado no tempo presente, portanto utilizador de instrumentais disponíveis à época. Inexiste, portanto, novidade nesse projeto de futuro. Os ajustes são para que tudo permaneça como está.

Somente com a existência do imprevisível o futuro deixa de ser previsível. E num debate acerca do binômio "fatos narrados" e "estruturas descritas", Koselleck entra em questões de perspectiva, no trabalho do historiador, na validade de fontes narradas, na diferenciação entre estrutura e fatos. Percepção esta que certamente mudou o que se entendia por história. De todo modo, sentimos falta do aprofundamento "braudeliano" que conseguiu em sua tese alcançar um tempo longo (das estruturas), um tempo curto (dos eventos e fatos), mas também um tempo médio (das conjunturas), que dá cabo de algumas periodizações históricas que extrapolam o evento e o estrutural.

* * *

* * *

O método utilizado pelo autor, marca de sua carreira como historiador, e objeto de mais um de seus ensaios, é a história dos conceitos. Através desta, Reinhart Koselleck estuda e compara os conceitos no tempo histórico, fazendo do estudo semântico um instrumental profícuo ao analisar a construção de novo conceitos. Quando são criados, a mudança de seu sentido com o tempo, assim como a percepção do valor imbuído na substituição de um conceito por outro, são características desta metodologia, que fora utilizada no estudo do termo revolução e suas diferentes conceituações no tempo. A maneira que os indivíduos viram a História também passou pela metodologia defendida pelo autor (apesar de uma história das idéias estar na mesma esteira). Antes encarada como a narração de fragmentos do passado, com o passar do tempo, assume um diferente significado, não mais composto por diferentes histórias, mas sim um coletivo singular que, inevitavelmente, engloba o passado vivido pelo homem como um todo. Uma história "por si".

Em outro artigo, nos brinda com a historicização do debate da perspectiva do historiador na construção do conhecimento histórico. Aqui, ressalta a problemática do

"ponto de vista" inserido na produção historiográfica, as limitações impostas pelo perspectivismo a produção de conhecimento afinada com o método canonizado pela historiografia, e sua inevitabilidade. Arrisca mergulhos mais profundos, buscando nos sonhos uma espécie de resultante dos medos e terrores presentes na vida dos indivíduos. Aqui, caminha em chão pouco seguro, na medida em que os limites de uma história psicologizante, acredito, podem arriscar a certeza das conclusões. Apesar de ser cuidadoso ao tatear na expressão numérica destes sonhos, e aí utiliza o exemplo do período em que as práticas nazistas tinham vez na Alemanha e os sonhos de perseguidos, parece escorregar na certeza que dá a interpretação dos sonhos. A imaterialidade deste componente (o sonho) gera discricionariedade o suficiente para uma produção historiográfica pouco firme em suas bases, que de certa forma também tateia suas conclusões; à semelhança do que faz com suas fontes.

Ergue-se, no entanto, ao traçar um astuto debate acerca do resultado do conhecimento histórico produzido: a experiência que cria expectativa. Em argumentação primorosa, fala de um

espaço de experiência criado pelo conhecimento histórico e mesmo pela experiência obtida; dela surge um horizonte de expectativa, com a qual projetamos um futuro, nos preparamos para ele ou sobre ele colocamos expectativas. Da tensão entre experiência e expectativa, surge o tempo histórico, pois é exatamente delas que surge o entrelaçamento entre o que se entende por passado, e o que se vislumbra como futuro.

Desses artigos, pouco pode ser aqui fixado, tão grande é o volume de informações, e tão pouco o espaço destinado. Fica, no entanto, o convite para uma leitura de "Futuro Passado", que oferece excelentes reflexões e interessantes observações quanto ao debate historiográfico, abrangendo método e discussões já no âmbito epistemológico. Da experiência, fica a expectativa que obras de mesmo nível ainda estejam por ser traduzidas. A expectativa e a esperança do crescimento de novas edições de qualidade no Brasil, por outro lado, são diminutas, fruto da experiência acumulada de anos de defasagem e descaso com o mercado editorial brasileiro.

Guilherme P. Bresciani C. Linhares, 4º p.

Brasil-África: Um Rio chamado Atlântico!



Do dia 27 de janeiro à 1 fevereiro de 2007, na cidade do Rio de Janeiro, será realizada a V Bial de Arte Ciência e Cultura da União Nacional dos Estudantes, a UNE. Utilizando-se dos espaços da Lapa e da Cinelândia, esta edição da Bial da UNE promete ser uma das maiores e mais importantes atividades culturais já realizadas pela entidade.

Ela não é somente um mero evento cultural. Sob o tema "Brasil-África: Um Rio chamado Atlântico", a Bial da UNE pretende ser um espaço para reunir a produção artística e científica dos estudantes universitários. São 6 mostras universitárias: Artes Cênicas, Artes Visuais, Cinema e Vídeo, Música, Literatura e Ciência & Tecnologia. Os trabalhos selecionados para as mostras universitárias serão publicados posteriormente pela UNE e distribuídos para DCEs de todo o Brasil. Não perca tempo! Inscreva seu trabalho! As inscrições de trabalhos foram prorrogadas até o dia 22 de dezembro.

Além das motras universitárias, acontecerão diversos debates, mostras do Lado B (trabalhos não selecionados ou não universitários), do Lado C (integração com as comunidades cariocas), Hip Hop, Lado Pan (atividades ligadas ao debate de esportes e ao Panamericano do Rio 2007) e shows musicais (Paulinho da Viola, Leci Brandão e outros)

Não marque bobeira. Garanta já a sua participação no maior evento artístico, cultural e científico da juventude brasileira.

Inscrições e Informações www.une.org.br/bial "

A roda

- Edição:** Flávio Amieiro, Guilherme Bresciani, Hippolito do Campo e Marco M. Pestana.
Textos editoriais: Ivan Martins, Lucas Hippolito, Lucas Parente e Marco Marques.
Textos ineditoriais: André Bassères, Daniel Tomazine, Renato e Luis Gustavo, Luis Guilherme Porto Rocha, Thiago Krause, Thiago Werneck, Ivan Martins, Juliana Lessa, Pedro Henrique Nunes, Sílvia Oliveira e Vitor Fraga, Leandro Silveira, Lucas Parente, Daniele Lima, Adolpho Ferreira, Felipe Svaluto Paül, Lucas Von der Weid, Guilherme Linhares e Vitor Vogel.
Desenhos originais: Lucas Hippolito e Pablo Azevedo.
Entrevista: Flávio Amieiro, Marco Marques e Rael Fiszon.
Diagramação: Flávio Amieiro, Lucas do Campo e Lucas Parente.
Impressão e cópia: Daniel Teixeira, Flávio Amieiro, Gabriel Sorin e Rael dos Santos.
Tiragem: Sabe-se lá quantos... (mil??? cem???)

UM POUCO DE HISTORIA

Ainulindale

(J. R. R. Tolkien)

Havia Eru, o Único, que em Arda se chama Ilúvatar; ele fez primeiro os Ainur, os Sagrados, que eram filhos do seu pensamento e que estiveram com ele antes de alguma coisa mais ser feita. E falava-lhes, propondo-lhes temas de música; e eles cantavam perante ele, que ficava satisfeito. Mas, durante muito tempo, cantavam só um de cada vez, ou poucos juntos, enquanto os restantes escutavam, pois cada um compreendia apenas aquela parte da mente de Ilúvatar donde proviera e só lentamente ia compreendendo os seus irmãos. No entanto, todas as vezes que escutavam, adquiriam uma compreensão mais profunda, e a sua unissonância e harmonia aumentavam.

E veio a acontecer um dia que Ilúvatar reuniu todos os Ainur e lhes comunicou um tema portentoso, mostrando-lhes coisas maiores e mais maravilhosas do que até então lhes revelara; e a glória do seu começo e o esplendor de seu fim de tal modo maravilhosos os Ainur que eles se curvaram diante de Ilúvatar e ficaram silenciosos.

Então, Ilúvatar disse-lhes: "Do tema que vos anunciei quero agora que façais juntos, em harmonia, uma grande música. E, como acendi em vós a chama imprecível, demonstrareis os vossos poderes no adorno deste tema, cada um com os seus próprios pensamentos e engenho, se assim quiser. Mas eu ficarei sentado e escutarei e feliz me sentirei por, através de vós, grande beleza ter despertado no canto."

Então as vozes dos Ainur, traduzidas por harpas e alaúdes, flautas e trompas, violas e órgãos e por incontáveis coros cantando com palavras, começaram a moldar o tema de Ilúvatar numa grande música; e ergueu-se um som de intermináveis e intermutáveis melodias entretrecidas em harmonia, um som que, ultrapassando o ouvido, se propagou às profundidades e às alturas, e os lugares de habitação de Ilúvatar encheram-se a transbordar, e a música e o eco da música chegaram ao vazio, que deixou de ser vazio. Jamais desde então fizeram os Ainur qualquer música como essa, embora tenha sido dito que outra ainda mais grandiosa será ouvida perante Ilúvatar pelos coros dos Ainur e pelos filhos de Ilúvatar depois do fim dos dias. Então, os temas de Ilúvatar serão tocados corretamente e assumirão um ser no momento da sua expressão, pois todos compreenderão totalmente a intenção dele na sua parte e cada um terá a compreensão de cada qual, e Ilúvatar, satisfeito, dará aos pensamentos deles o fogo secreto.

Mas, desta vez, Ilúvatar sentou-se a escutar e durante muito tempo achou bem, pois não havia erros na música. Mas à medida que o tema se desenvolvia, entrou no coração de Melkor a vontade de entretecer nele assuntos da sua própria imaginação que não estavam de acordo com o tema de Ilúvatar, pois procurava, assim, aumentar a força e a glória da parte que lhe fora destinada. A Melkor, entre os Ainur, tinham sido dados os maiores dons do poder e conhecimento, e ele compartilhava de todos os dons dos seus irmãos. Fora muitas vezes sozinho aos lugares vazios à procura da flama imprecível, pois crescia, ardente, nele o desejo de dar vida a coisas suas e parecia-lhe que Ilúvatar não pensava no vazio e estava impaciente com esta vacuidade. Contudo, não encontrou o fogo, pois ele estava com Ilúvatar. Mas, sozinho, começara a conceber pensamentos próprios, diversos dos seus irmãos.

Alguns desses pensamentos entreteceu agora na sua música e imediatamente houve dissonância à sua volta; muitos que cantavam perto dele ficaram desanimados, e o seu pensamento foi perturbado e a sua música vacilou; mas alguns começaram a afinar a sua música pela dele em vez de ser pelo pensamento que tinham ao princípio. Então a desafinação de Melkor alastrou ainda mais, e as melodias antes ouvidas soçobraram num mar de turbulento som. Mas Ilúvatar continuou sentado e a ouvir até parecer que à volta do seu trono havia uma tempestade violenta, como de águas escuras que se guerream entre si numa fúria infinita, que não se apaziguava.

Então Ilúvatar levantou-se e os Ainur perceberam que sorria; e ergueu sua mão esquerda e um novo tema começou no meio da tormenta, igual ao tema anterior e, todavia, diferente, e ganhou força e nova beleza. Mas a desafinação de Melkor ergueu-se num clamor e contendeu com ele, e houve de novo uma guerra de som mais violenta do que antes, até muitos dos Ainur ficarem assombrados e não cantarem mais e Melkor a ficar com a supremacia. Ilúvatar voltou a levantar-se e os Ainur

perceberam que o seu rosto estava severo; levantou a mão direita e - pasmal! - no meio da confusão surgiu um terceiro tema, que era diferente dos outros, pois parecia ao princípio suave e doce, um mero ondular de brandos sons em delicadas melodias, mas não podia ser estancado e revestiu-se de força e profundidade. E pareceu, por fim, que duas músicas progrediam ao mesmo tempo diante do trono de Ilúvatar e estavam em absoluta discórdia. Uma era profunda, vasta e bela, mas lenta e impregnada de incomensurável magia, donde provinha principalmente a beleza. A outra, entretanto atingira uma unidade própria, mas era ruidosa, presunçosa e infundavelmente repetida, e tinha pouca harmonia, mas antes um clamoroso uníssono com de muitas trompas a estrondear com poucas notas. E tentava afogar a outra música com a violência da sua voz, mas parecia que as suas notas mais triunfantes eram absorvidas por aquela e entretecidas no seu próprio e solene padrão.

No meio da contenda, em que as mansões de Ilúvatar estremeceram e um tremor percorreu os silêncios ainda não perturbados, Ilúvatar levantou-se uma terceira vez e o seu rosto era terrível de se ver. Então levantou ambas as mãos e, num acorde mais profundo que o abismo, mais alto do que o firmamento e penetrante como a luz dos olhos de Ilúvatar, a música cessou. Então, Ilúvatar falou e disse: "Poderosos são os Ainur e o mais poderoso dentre eles é Melkor; mas, para que ele saiba, e todos os Ainur, que sou Ilúvatar, as coisas que cantastes vos mostrei, para que possais ver o que fizestes. E tu, Melkor, verás que nenhum tema pode ser tocado se não tiver a sua suprema fonte em mim, nem pode ninguém modificar a música a despeito meu. Pois aquele que o tentar apenas provará ser meu instrumento na invenção de coisas mais maravilhosas que ele próprio não imaginara."

Então, os Ainur tiveram medo e não compreenderam ainda as palavras que ouviram; e Melkor ficou cheio de vergonha, da qual nasceu secreta cólera. Mas Ilúvatar ergueu-se em esplendor e partiu das belas regiões que fizera para os Ainur, e os Ainur seguiram-no. Mas quando chegaram ao vazio, Ilúvatar disse-lhes: "Oh!ai a vossa música!" E mostrou-lhes uma visão, dando-lhes vista onde antes houvera só ouvido; e viram um mundo novo, tornado visível para eles, um mundo feito globo no meio do vazio e nele sustentado, mas que não era parte dele. E, enquanto olhavam e se maravilhavam, esse mundo começou a desenrolar a sua história e pareceu-lhes que vivia e crescia. E, quando os Ainur tinham olhado um bocado e estavam silenciosos, Ilúvatar repetiu: "Oh!ai a vossa música! Esta é a vossa arte de menestres; e cada um de vós achará aqui conflito, entre o designio que vos apresentei, todas aquelas coisas que lhe podem parecer terem sido por ele próprio inventadas e acrescentadas. E tu, Melkor, descobrirás todos os pensamentos secretos da tua mente e compreenderás que são apenas parte do todo e tributários da sua glória."

E muitas coisas Ilúvatar disse aos Ainur nessa ocasião, e por causa da sua memória das palavras ouvidas e do conhecimento que cada um tem da música que ele próprio fez, os Ainur sabem muito do que foi e é e será, e poucas coisas há que não vejam. No entanto, algumas coisas há que não podem ver, nem sozinhas nem formando conselho juntos, pois a ninguém, além de si mesmo, revelou Ilúvatar tudo quanto tem de reserva, e em cada era surgem coisas que são novas e não se podem prenunciar, pois não provêm do passado. E foi assim que, ao ser-lhes mostrada esta visão do mundo, os Ainur viram que continha coisas que eles não tinham pensado. E viram com espanto a vinda dos filhos e a habitação que estava preparada para eles e perceberam que eles próprios, no labor da sua música, tinham estado atarefados com a preparação dessa habitação, e, contudo, não sabiam que tinha algum propósito além da sua própria beleza, pois os filhos de Ilúvatar só por ele eram imaginados; vieram com o terceiro tema e não constavam do tema proposto por Ilúvatar ao princípio, e nenhum dos Ainur participara na sua criação. Portanto, quando os olharam, mais os amaram, por serem coisas diversas deles próprios, estranhas e livres, em que viam a mente de Ilúvatar de novo modo refletida, e aprenderam um pouco mais da sua sabedoria, que de outra maneira estivera escondida até dos Ainur.

Os filhos de Ilúvatar são os Elfos e os Homens, os primogênitos e os que vieram depois. E entre todos os esplendores do mundo, as suas mansões e os seus espaços e os seus fogos giratórios, Ilúvatar escolheu um lugar para morada deles nas profundezas do tempo e no meio das inúmeras estrelas. E essa morada podia parecer um coisa insignificante àqueles que só consideram a majestade dos Ainur, e não a sua terrível sagacidade, como quem usasse todo o campo de Arda para alicerces de uma coluna e a erguesse até o cone do seu cume mais aguçado do que uma agulha, ou como quem considerasse apenas a incomensurável vastidão do mundo, que os Ainur ainda estão a moldar, e não a minuciosa precisão com a qual moldam todas as coisas nele. Mas, depois de os Ainur terem olhado essa morada numa visão e terem visto erguer-se nela os filhos de Ilúvatar, então muitos dos mais poderosos dentre eles concentraram todo o seu pensamento e todo o seu

desejo nesse lugar. E, deles, Melkor foi o principal, assim como foi no princípio o maior dos Ainur que tomou parte na música. E fingiu, ao princípio até para consigo próprio, que desejava ir para lá e organizar todas as coisas para bem dos filhos de Ilúvatar, controlando as tempestades de calor e frio que através dele tinham passado. O que, porém, desejava era submeter à sua vontade tanto os Elfos como os Homens, invejoso dos dons com os quais Ilúvatar prometia dotá-los; e, pessoalmente, desejava ter súditos e servidores e ser tratado por senhor e dominar outras vontades.

Mas os outros Ainur olharam aquela morada instalada nos vastos espaços do mundo, a que os Elfos chamam Arda, a Terra, e os seus corações rejubilaram com a luz, e os seus olhos, ao verem muitas cores, encheram-se de contentamento; mas, por causa do rugido do mar, sentiram uma grande inquietação. E observaram os ventos e o ar e as matérias de que Arda era feita - ferro, pedra, prata, ouro e muitas substâncias - mas, de todas elas, foi a água que mais elogiaram. E dizem os Eldar que na água ainda vive o eco da música dos Ainur, mais do que em qualquer outra substância existente nesta Terra; e muitos dos filhos de Ilúvatar escutam ainda, insatisfeitos, as vozes do mar, sem, contudo, saberem o que escutam. Ora, foi para a água que Ainu, a quem os Elfos chamam Ulmo, voltou o pensamento, e de todos foi o mais profundamente instruído em música por Ilúvatar. Mas sobre os ares e os ventos meditara mais Manwë, que é o mais nobre dos Ainur. Na contenda da Terra pensara Aulë, a quem Ilúvatar dera pericia e conhecimento pouco inferiores aos de Melkor; mas o deleite e o orgulho de Aulë estão no ato de fazer e na coisa feita, e não na posse nem na sua própria mestria; por isso ele dá em vez de guardar, é livre de cuidados e está sempre a dedicar-se a qualquer novo trabalho.

E Ilúvatar falou a Ulmo e disse: "Não vês tu como aqui, neste pequeno reino nas profundezas do tempo, Melkor abriu guerra contra o que era província tua? Ele pensara em frio agreste e imoderado e, contudo, não destruiu a beleza das tuas fontes, nem das tuas claras lagoas. Vê a neve e o artístico trabalho da geada! Melkor imaginara calores e fogo sem moderação, mas não secou o teu desejo nem silenciou completamente a música do mar. Deves olhar é a altura e a glória das nuvens e as névoas sempre a mudar e escuta a queda da chuva na Terra! Nessas nuvens és levado para mais perto de Manwë, teu amigo, a quem amas."

E Ulmo respondeu: "Em verdade, a água tornou-se agora mais bela do que o meu coração imaginara, e tão pouco o meu secreto pensamento concebera o floco de neve, nem em todo a minha música estava contida a queda da chuva. Procurarei Manwë para que ele e eu possamos fazer eternamente melodias para teu deleite!" E Manwë e Ulmo foram, desde o princípio, aliados e em todas as coisas serviram fielmente o propósito de Ilúvatar. Mas enquanto Ulmo falava e os Ainur olhavam ainda esta visão, ela foi afastada e escondida da sua vista e pareceu-lhes que nesse momento tiveram consciência de uma coisa nova, a escuridão, que não tinham conhecido a não ser em pensamento. Mas tinham-se enamorado da beleza da visão e absorvido no desdobrar do mundo que nela ganhava vida, e a sua mente estava cheia dela, pois a história estava incompleta e os círculos do tempo não totalmente criados quando a visão foi afastada. E alguns disseram que a visão cessou antes do cumprimento do domínio dos Homens e do gradual desaparecimento dos primogênitos, razão por que, embora a música esteja sobre tudo, os Valar não viram, com olhos de ver, as últimas eras ou o fim do mundo.

Então houve desassossegado entre os Ainur, mas Ilúvatar falou-lhes e disse: "Conheço o desejo das vossas mentes de que o que vistes exista verdadeiramente, não só no vosso pensamento mas também como vós próprios existis, e, contudo, diferentemente. Por isso, eu digo: E! que estas coisas existam! E enviarei para o vazio a flama imprecível e ela ficará no coração do mundo, e o mundo existirá; e aqueles de vós que quiserem ir para ele." E, de súbito, os Ainur viram ao longe um luz, como se fosse uma nuvem com um coração vivo de chama, e souberam que não se tratava apenas de uma visão, mas sim que Ilúvatar fizera um coisa nova: E! o mundo que existe.

Aconteceu, assim, que dos Ainur alguns residiam ainda com Ilúvatar fora dos confins do mundo, mas outros, e entre eles muitos dos maiores e mais belos, despediram-se de Ilúvatar e desceram ao mundo. Mas uma condição Ilúvatar impôs, mesmo que se trate da necessidade do amor por eles, e foi a condição de que o poder dos que tal escolheram ficasse daí em diante limitado e limitado no mundo, para ficar dentro dele para sempre, até estar completo, de modo que eles são a sua vida e ele é a vida deles. E por isso se chamam os Valar, os poderes do mundo.

Mas, quando entraram em E! os Valar ficaram, ao princípio, estupefatos e sem compreender, pois não parecia nada ter sido ainda feito do que tinham visto na visão e tudo estar apenas a começar e ainda inopino, e era escuro. E que a grande música fora apenas o desabrochar e o florescimento do pensamento nas

mansões eternas e a visão somente fora uma prefiguração; mas agora tinham entrado no princípio do tempo, e os Valar perceberam que o mundo não fora mais do que pronunciado e pré-cantado, e eles tinham de realizá-lo. Assim começaram os seus grandes labores em desertos incomensuráveis e inexplorados, durante eras incontáveis e esquecidas, até, nas profundezas do tempo e no meio das imensas mansões de E!, chegarem aquela hora e aquele lugar em que foi feita a morada dos filhos de Ilúvatar. E, desse trabalho, a parte principal foi assumida por Manwë, Aulë e Ulmo; mas Melkor também lá esteve desde o princípio e intrometeu-se em tudo quanto foi feito, afeiçãoando-o, se era possível, aos seus próprios desejos e propósitos, e ateou grandes fogos. Portanto, quando a Terra ainda era jovem e cheia de flama, Melkor cobiou-a e disse aos outros Valar: "Este será o meu reino, e meu o proclamo!"

Mas Manwë era irmão de Melkor na mente de Ilúvatar e o principal instrumento do segundo tema que Ilúvatar apresentara contra a desafinação de Melkor; e chamou a si muitos espíritos, tanto maiores como menores, e estes desceram aos campos de Arda e ajudaram Manwë, não fosse Melkor impedir para sempre a realização do seu labor e a Terra murchar antes de florir. E Manwë disse a Melkor: "Este reino não tomarás injustamente como teu, pois muitos outros aqui trabalharam não menos do que tu." E houve contenda entre Melkor e os outros Valar; e, por essa vez, Melkor recuou e partiu para outras regiões, nas quais fez como lhe aprouver, mas não tirou do coração o desejo do reino de Arda.

Então, os Valar assumiram forma e cor; e, como tinham sido atraídos para o mundo por amor dos filhos de Ilúvatar, pelos quais esperavam, assumiram forma de acordo com o que tinham visto na visão de Ilúvatar, exceto apenas em majestade e esplendor. De mais, a sua forma provém do seu conhecimento do mundo visível, mais do que do próprio mundo; e não precisam dela, a não ser apenas do mesmo modo que nós precisamos de vestuário, apesar de podermos estar nus sem sofrermos nenhuma perda do nosso ser. Por isso, os Valar podem andar, se lhes aprouver, despidos, e, assim, nem mesmo os Eldar podem claramente aperceber-se deles, conquanto estejam presentes. Mas, quando desejam vestir-se, os Valar assumem forma, algumas de macho e outras de fêmea, pois essa diferença de condição tinham-na mesmo desde o seu princípio e é somente corporizada na escolha de cada um, e não feita por essa escolha, assim como nós, machos e fêmeas, podemos ser revelados pelo traje, mas sem que seja o traje que tal nos faça. Mas as formas de que os grandes se revestem nem sempre são como as formas dos reis e das rainhas dos filhos de Ilúvatar, pois às vezes podem vestir-se com o seu próprio pensamento, tornado visível em formas de majestade e esplendor.

E os Valar chamaram a si muitos companheiros, alguns inferiores e alguns quase tão grandes quanto eles próprios, e trabalharam juntos no ordenamento da Terra e na contenção dos seus tumultos. Então, Melkor viu o que estava feito e que os Valar caminhavam na Terra como poderes visíveis, envolvidos no traje do mundo, e que eram encantadores e gloriosos de ver, e felizes, e que a Terra se estava a tornar como que um jardim para seu deleite, pois as suas convulsões estavam subjogadas. A sua visão tornou-se ainda maior dentro dele e também assumiu forma visível, mas, por via da sua disposição e da maldade que nele ardia, essa forma foi escura e terrível. E desceu em Arda em poder e majestade maiores do que qualquer outro dos Valar, como uma montanha que penetra no mar e fica com a cabeça acima das nuvens e se apresenta vestida de gelo e coroada com fumo e fogo; e a luz dos olhos de Melkor era como uma chama cujo calor emurchece e cujo terrível frio transpassa.

Assim começou a primeira batalha dos Valar com Melkor pelo domínio de Arda; e, desses tumultos, os Elfos pouco sabem, pois o que foi aqui declarado proveio dos próprios Valar, com quem os Eldalí falaram na terra de Valinor e por quem foram instruídos; mas pouco quiseram os Valar dizer das guerras anteriores à chegada dos Elfos. No entanto, diz-se entre os Eldar que os Valar sempre tentaram, a despeito de Melkor, dominar a Terra e prepará-la para a vinda dos primogênitos; e construíram terras e Melkor destruiu-as, escavaram vales, que Melkor soergueu, esculpiram montanhas, que Melkor arrasou, abriram mares, que Melkor derramou; e nada podia ter paz ou crescimento duradouro, pois assim que os Valar iniciavam um labor, tão logo Melkor o desfazia ou corrompia. E, todavia, o labor deles não foi todo em vão; e, embora em parte nenhuma e em trabalho nenhum fossem a sua vontade e o seu propósito totalmente cumpridos e todas as coisas fossem em tonalidade e em forma diversas dos que os Valar ao princípio tinham planejado, mesmo assim, lentamente, a Terra foi moldada e tornada firme. E, assim, foi finalmente estabelecida a habitação dos filhos de Ilúvatar nas profundezas do tempo e

